

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da União Operária Nacional
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 88-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Tálhata — Lisboa • Telefone: 1

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O II Congresso Operário Nacional

A sessão inaugural efectua-se em meio de extraordinária animação

A atitude do operariado de Coimbra -- O parecer da comissão revisora de mandatos -- O hino da "Batalha" cantado por centenas de delegados

Com enorme concorrência de congressistas, representando os mais importantes ramos da actividade do país, iniciou-se ontem em Coimbra o 2.º Congresso Operário Nacional.

Efusivas saudações dos trabalhadores chegados de toda a parte com as flâmulas rubras dos seus corações abraçados de ideal, sublinharam carinhosamente a sessão inaugural pondo no vasto hemiciclo uma vibrante nota emotiva.

É a primeira vez, depois dos notáveis sucessos mundiais trazendo consigo o fermento da Revolução proletariana, que os trabalhadores portugueses realizam a sua assembleia magna, desta vez toda impregnada do forte espírito demolidor que sacode as potestades e oligarquias.

Devo ter perpassado em todos os congressistas o frêmito empolgante da hora presente, tam cheia de promessas renovadoras. E certamente há de sentir-se nas suas palavras o vibrante acento inspirado no triunfo das grandes ideias lá fora.

É inegável que tudo mudou depois da guerra, e disso se ressentiu o operariado, dando às suas reivindicações uma ampla base social fora do estreito corporativismo de classe.

As nossas esperanças orientam-se para uma realidade definida. Há uma finalidade bem concreta no extremo das nossas idealizações. Somos os imediatos precursores duma nova humanidade regenerada. E deste Congresso vai certamente sair o grande movimento ressurgidor que há de levar-nos a melhores destinos.

As primeiras notícias que nos chegam, ainda quentes da emoção das primeiras horas, são deveras consoladoras e hão de corresponder à expectativa geral do operariado que vê na futura Confederação o sólido organismo ofensivo para a grande e decisiva batalha.

De Lisboa a Coimbra

Rápidas anotações da viagem — Coimbra repleta de congressistas — Os congressos corporativos

(Do nosso enviado especial)

COIMBRA, 12 — Chegámos, finalmente, após 10 horas de viagem, à pitoresca cidade do Douro. Parecia apostada a locomotiva em não nos conduzir até ao termo da viagem. Chegámos a Santarém, para ali nos deixarmos ficar durante duas horas, apouquíssima com uma avaria num dos seus órgãos.

Não podíamos esperar, tal o nosso estado de impaciência. Os congressistas, aproveitando a mandriana da máquina, ocupam-se em ornamentar com verdura e com jornais a carruagem que a companhia lhes destinou.

Partimos, enfim, durante a viagem tivemos ensejo de falar a vários camaradas ferroviários que vivamente se interessavam pelo assunto que nos leva. Estremadura em fora, caminho do local onde ia efectuar-se a maior das reuniões de operários portugueses até hoje celebradas. O pessoal da C. P., tanto o do comboio, como o das estações, exprime-nos os seus desejos de que o congresso tenha o êxito que todos esperamos.

A Batalha não chegou ainda às estações por onde passamos. Os nossos exemplares, ornamentando a carruagem em que seguimos, são os primeiros que aparecem. Os operários que assistem à nossa passagem leem avidamente os que enfeitam a nossa improvisada decoração.

Entretanto alguns companheiros de viagem distribuem alguns exemplares que trouxeram, com viva satisfação dos leitores, desejosos de notícias.

Chegamos a Coimbra. Os congressos das indústrias de Calçado, Couros e Peles, e Construção Civil terminaram hoje tendo os seus trabalhos sido coroados do maior êxito.

A realização do congresso, que estava marcada para o teatro Sousa Bastos, foi transferida para o teatro Avenida, em virtude daquele não oferecer as condições necessárias para a efectivação da grande assembleia.

Início de trabalhos

A sessão inaugural

COIMBRA, 13. — A primeira sessão do congresso abriu às 13 horas, tendo sido este atrazo motivado pela necessidade, verificada à última hora, de transferir o local da realização da assembleia para o teatro Avenida, transferência que muitos delegados desconheciam. Apesar deste contratempo, a sala do congresso oferece um aspecto imponente, ocupando os congressistas quase todo o âmbito da plateia.

A sessão inaugural presidiu Manuel Joaquim de Sousa, fabricante de calçado, em nome da comissão organiza-

dora do congresso, secretariado por Miguel Corrêa, ferroviário e António Gomes Amaral. — Especial.

O discurso de abertura

COIMBRA, 13. — O presidente, Manuel Joaquim de Sousa, saudou os congressistas em nome da comissão organizadora, e fez ressaltar a grande necessidade de efectuar-se uma larga obra de organização proletária. Faz votos por que os trabalhos daquela magna assembleia resultem importantes e proveitosos. Afirma ser necessário trabalhar, mas com consciência e com inteligência para que os ideais operários, transportados para a realidade, mudem a face do mundo num aspecto de inédita beleza. — Especial.

E' eleita a comissão revisora de mandatos

COIMBRA, 13. — Após o discurso inaugural, é nomeada a comissão revisora de mandatos. Constituem-na os seguintes camaradas: Maciel Barbosa, da indústria mobiliária; Joaquim Cardoso, pela Federação da Construção Civil; Jerónimo de Sousa, pelos manufactores de calçado; e Clemente Vieira dos Santos, dos gráficos. — Especial.

Os congressistas entoam o hino de "A Batalha"

COIMBRA, 13. — Interrompida a sessão inaugural para que a comissão revisora de mandatos se desempenhasse da sua missão, os congressistas entoaram, calorosamente, o hino de "A Batalha". A sessão recobrou às 18,40, procedendo-se então à leitura do

Parecer da comissão revisora

que faz alguns reparos sobre a legitimidade de certas delegacias, entregando a solução desses pontos difíceis ao Congresso. O parecer motivou objeções ou observações dos delegados Sá Júnior e Roberto de Carvalho. E seguidamente apresentada uma proposta, pela qual ficaria suspensa a sessão para permitir um repasto aos delegados. Manuel Afonso combate essa proposta, daí resultando uma certa agitação na assembleia. Acalmado porém este passageiro incidente, a proposta é submetida à votação, sendo aprovada. — Especial.

A União dos Sindicatos de Coimbra edita um manifesto

COIMBRA, 13, às 14,25. — A União dos Sindicatos Operários desta cidade editou um manifesto entusiástico convidando o povo trabalhador a assistir ao congresso, e salientando a importância das resoluções a tomar. Teve êxito apelo um êxito absoluto, porquanto o operariado combricense se mostra evidentemente interessado por esta magna reunião. — Especial.

Saudando o Congresso

O quadro tipográfico de A Batalha enviou à mesa do Congresso o seguinte telegrama:

«Presidente Congresso Operário Nacional — Teatro Avenida, Coimbra. — O

NOTAS E IMPRESSÕES

O BARBEIRO

É, na maioria dos casos, um estabelecimento triste, insuportável. Parece que naquela atmosfera empestada de sabonete ordinário e água de colónia de três ao vinte — mais água do que colónia, como dizia a senhora da anedocta — paira um odor a intrujisse, de mistura com um cheiro nauseante a gudeira encaspada, que nos faz vacilar no limiar da sonolenta cafunia. Entra-se; e no aspecto chatiado da freguesia que se mira nos espelhos, caprichosamente bisseautés, divisa-se, a um tempo, o desejo de se ver dali para fora e o receio de que, chegada a vez, se agonie com tanta volta e reviravolta que, pacientemente, terá de dar para ser agradável ao oficial, uma criatura de enorme gajofaria apartada ao meio, numa recta impedível, e que usa, além duns perfeitamente dispensáveis modos efeminados, um fedorento cosmético, praser da sua costureira e suplicio de quem lhe cai nas unhas. O patrão é, geralmente, dum tipo completamente oposto. É, quasi sempre, uma coisa de pés compridos e vistas curvas, que supre a falta de agilidade com uma abundância de paleio, a respeito dos mais variados assuntos — por que é quasi um enciclopédico — no inerte propósito de distrair, e às vezes acordar, a cabeceante fila humana, que é possível ter adormecido com o nariz em cima do último crime sensacional, narrado pelos de grande informação, depois de ter lido, pela quarta vez o primeiro fascículo do Conde de Monte-Cristo, que há seguramente três semanas, erra aborrecidamente de cadeira para cadeira.

É, indiscutivelmente, uma casa de sono, lígubre, triste, soturna, com os seus numerosos espelhos, onde os fregueses se retratam com a barba crescida e os ruins sentimentos também, com as suas escovas, a que é preciso juntar as do dono da loja, os seus pentes, os seus bigodes frisados — aberto ou fechado? — os seus inúmeros placards anunciando os mais variados elixires, desde o vistoso cartão que reclama a loção mais afamada até à conhecida dama que, em roupas brancas, se prepara para lavar os dentes com pasta Couraç e se ri para a gente a preto e em tricot, ao lado do calendário duma das mais rebelebadas companhias de seguros, tam numerosas como as torturas infligidas pelos barbeiros aos mortais.

Tudo aquilo é imbecil. Ou se há de dormir ou se é forçado a ouvir asneiras, entre caretas de dor e bocejos de tédio, escutando atentamente o mestre, que nos põe para ali em pratos limpos, com uma fidelidade duvidosa — a navalha incomoda? — a vida de todos os moradores do sítio, tam inútil para o freguez como os tormentos por que o fazem passar, explicando tim tim por tim tim a conduta da visinha do 26, que acaba de ser abandonada pelo seralheiro com quem vivia há oito anos, e os desgostos da mãe dela que acaba de entrar no hospital, desenganada dos médicos.

Não sei quem foi o homem cêbre que confessou dever metade do seu prestigio ao barbeiro. Talvez tivesse razão. Um homem barbeado, embora mal vestido, vale certamente mais — também não des-cortino bem a razão do fenómeno — do que Robinson Crusoe com barba de trinta centímetros e cabelos de palmo e meio. Mas essa vaidade paga-a a humanidade bem cara no pótro de Figaro, que rapa, corta, mexe, arrepeia, golpeia, puxa, repuxa, molha, esfrega, empoca, fazendo tudo isto com um horrível sangue-frio e uma meticulosidade tam martirizante que nos assombra o desplanço com que ele recebe — ainda por cima — dinheiro por toda esta maçada, e o descaramento com que espere uma gorgejada de vinte para engrossar o mísero salário.

Fazer a barba é pior, trinta vezes, do que provar um fato com emendas, e vale mais ouvir a pé firme uma cegada do que suportar um corte de cabelo. Não haja dúvidas, sobretudo se a freguesia, que roça, quasi toda, pela boçalidade, não tem sono e lhe dá para disrecrear acerca dos casos fundamentais que agitam a vida do país. Este fala da futura ponte sobre o Tejo e da não menos futura avenida marginal. Aquê, que é mais velho e a quem já ninguém faz o ninho atraz da orelha — é ele próprio quem o diz — fala com saúda do Passado Público, e confessa-se céptico quanto à ponte e à avenida. Sabe muito, tem visto muito. Um outro, tipo de caixeiro de loja de chá, declara-se fora dos partidos políticos, para poder, à vontade, elogiar o sr. Afonso Costa, e aqueloutro, que é membro da junta da paróquia e tem cara de sapateiro de escada — único que pode competir em covilice com o colega barbeiro — mostra as quatro farrapis ao pagode, porque vai ser flagelado, e principia uma violenta apóstrofe contra o bolevismo — que não sabe acabar, porque às duas por três mete os pés pelas mãos — apoiado farramente com frequentes acesos de cabeça por quasi todos os membros desta assembleia de grilhetas, a contos, já então, com a sua segunda soneta, e que benévola continua esperando o momento de padecer o semanal suplicio, em holocausto à Beleza, cuja preocupação impera neste estabelecimento insuportável, empestado por um cheiro sufocante a sabonete ordinário e a água de colónia de três ao vinte.

Antero de LIMA.

Na Austria Hungria

Em que se ficará? Monarquia ou quê?

PARIS, 9. — O correspondente do "Temps" em Zurich diz que é inexacto que estejam rotas todas as relações entre o ex-imperador Carlos e o arquiduque José que a busca feita a respeito do governo de Bela Kun fez com que se descobrissem cartas do ex-imperador exprimindo a confiança que lhe merecia o arquiduque, o qual saberia manter sempre uma atitude conforme com os interesses da dinastia.

Hoje as relações entre o ex-imperador e o arquiduque, na Suíça, são muito estreitas, e nos meios legitimistas, em virtude da impopularidade de Carlos não se incomodariam em propor que este abdicasse em favor de seu filho Otto, pois o ex-imperador nunca renunciou às suas pretensões. Uma parte da aristocracia feudal, com o conde de Czernin, pende para o duque de Hoemberg, filho do arquiduque Francisco Fernando; este grupo sustenta que o casamento deste com a condessa Chotek será válido segundo as leis húngaras.

Este respeito, da sucessão, os realistas que contam com o apoio de Kossuth, limitam por agora as suas reivindicações à Hungria. Finalmente, um terceiro grupo quereria fazer renunciar o ex-imperador em favor do arquiduque José restabelecendo com o direito nacional húngaro a monarquia electiva, tal qual era no tempo de Maria Tereza.

As divergências de vistas acabariam de um momento para o outro, se fosse preciso, para a restauração da monarquia, fosse qual fosse a sua forma. Os oficiais de carreira e os funcionários pensam para uma monarquia. Se a assembleia nacional for eleita pelo sufrágio limitado, pode considerar-se quasi certo que terá um carácter monárquico muito acentuado. — H.

Desastre

PORTO, 12. — Na rua dos Heróis de Chaves um carro eléctrico colheu um rapazito de 7 anos, o qual ficou muito maltratado.

Perseguições governamentais

Comissão pró-presos por questões sociais

Reiniciu esta comissão para apreciar os trabalhos da sub-comissão que ontem foi falar com o director da policia de Segurança do Estado a respeito dos camaradas que ainda se encontram presos. Recebida pelo chefe Martinheira, em virtude do director da policia não poder atender, pedindo-lhe a referida comissão esclarecimentos sobre a situação de António Oliveira, preso em Espanha, e de lá expulso, vindo para Portugal, tendo ficado detido em Elvas e posteriormente no Governo Civil. O sr. Martinheira prometeu tratar do assunto; e sobre os presos de Viana do Castelo, Porto e Braga, que deviam estar já em liberdade, occupa-se actualmente da sua situação.

Tendo a Comissão pró-presos por questões sociais conhecimento oficial de ter sido libertado o camarada Manuel dos Santos, lamenta que este camarada não se tivesse dirigido logo à U. O. N. — como todos devem fazer — comunicando a sua soltura para que os seus trabalhos prossigam com regularidade e método.

A comissão que reúne hoje, pelas 21 horas, recebeu a quantia de \$33, produto duma quota aberta na obra de S. Salvador.

O famoso decreto das oito horas

Numa fábrica de malhas situada na Estrada de Chelas, vigorava há tempo o horário de oito horas. Sucede, porém, que como estamos, segundo alguns pretendem, em vésperas de ser dada sanção legal a esse horário, entendeu a gerência da fábrica restabelecer, a partir de segunda-feira última, as dez horas de trabalho. Vai num sino, não há dúvida o afamado decreto. E aí da classes que por esses sapatos de defunto esperarem, que nunca mais conseguirão ver encurtada a jornada de trabalho.

O campeão do Direito bem recompensado

O que diz um deputado francês

Comparando, em La Vérité, o que o tratado de paz dá à França e o que elle dá à Inglaterra, e o que ambas sofreram ou perderam, escreve o deputado por Paris, Mayéras:

«Que dá o tratado à Inglaterra? Todas as colónias alemãs, menos os resíduos do Fogo e do Camarão, o famoso Bico de Pato, e essas poucas terras oceanicas que o Japão aliado dela — para si reservou.

«No mar, só tinha um rival: a Alemanha. Ora, a marinha de guerra alemã está hoje destruída, e da marinha mercante guardou a Inglaterra para si o principal.

«... A Inglaterra domina agora, sem contestação nem freio, todos os caminhos, todas as passagens dos mares, a fiscalização suprema deles e a quasi totalidade do frete disponível; para um inglês, os mares são tão livres quando o pavilhão britânico é quasi o único que neles tremula.

«Os tratados com os pedaços da Austria-Hungria, a Bulgária e a Turquia, sobretudo o que mais se referirá à falcida Turquia, do que será concluído com ela, continuarão a extensão do poderio inglês. «Ah! Bonaparte sonhou partir do Cairo para ir às Índias lerir o poderio britânico no ponto da sua força económica e da sua fraqueza estratégica? Pois a Inglaterra não se esqueceu. Do caminho do Cairo a Calcutá está ela fazendo uma estrada exclusiva inglesa.

«O plano inglês é dos mais claros. O que na Asia Menor era turco, — à excepção de migalhas abandonadas ao apetite italiano e alguns conventos reservados aos carolas de França, — será inglês; superintendência de Constantinopla e dos famosos estreitos; domínio da Arménia; consagração da Mesopotâmia, tam rica em promessas.

«De passagem, tem a Inglaterra o cuidado de se não esquecer, à sua esquerda, da Geórgia e do sul do mar Cáspio, que foram russos, mas cuja posse fecha à Rússia o caminho da India.

DA COMPETENCIA DA INSTITUIÇÃO PARLAMENTAR

PARLAMENTARISMO OU SINDICALISMO?

¿O que pensa a este respeito o partido socialista português?

Depois que, por mera casualidade, fui envolvido nesta polémica com a redacção de O Combate, tenho lido atentamente todos os artigos por este jornal publicados e que ao assunto se referem. E, francamente, devo confessar que me encontro em sérios embaraços para prosseguir na discussão encetada. Não que o assunto seja por sua natureza arduo; ou seja fôta do âmbito dos conhecimentos de qualquer medianamente culto. Mas é que o redactor de O Combate, a quem coube o encargo de me responder, tem-no feito com uma tal falta de cuidado, atacando, ao mesmo tempo, um tam grande número de problemas, que é na verdade difficil desfiar aquela meada, procurar uma ponta por onde se lhe pegue, metodizar, em suma, a discussão. Com effeito tratavam os meus artigos apenas um aspecto do problema — a questão da competência da instituição parlamentar, na sociedade de hoje e na de amanhã.

Pois a pretexto desses artigos, onde os redactores do diário socialista quizeram ver um ataque à tática eleitoral por eles adoptada, fazia O Combate as mais estranhas afirmações, accusando-me de delittos de opinião que eu não tinha praticado e obrigando-me assim a voltar ao assunto para fazer, muito categoricamente e sob a responsabilidade do meu nome, um certo numero de declarações, imprescindíveis e tendentes a repôr as coisas no seu verdadeiro lugar. Parece que ainda desta vez me não fiz comprehender pelos redactores de O Combate, o que é lamentável, na verdade, pois que me obriga a repetir considerações já feitas e às quais eu não tencionava voltar. Mas, já que não há outro remédio, vamos a isto.

Respondendo ao ponto concreto por mim aqui encarado — a competência da instituição parlamentar — não deixa O Combate de reconhecer razão em algumas das minhas considerações. Mas acrescenta que o parlamentarismo ter a ainda de permanecer por longo tempo e que, mesmo em organização sindicalista, continuariam existindo parlamentos profissionais!

Entendamo-nos! Quando falei de parlamentarismo referi-me a essa instituição que todos nós conhecemos, para mal dos nossos pecados, e que tem as suas características próprias. Assim os delegados são eleitos — admitamos que o são, de facto, e que os não nomeiam ali no Terreiro do Paço — mas são eleitos, diz eu, por sufrágio universal, isto é, pela massa global, heterogênea, dos electores duma dada região. Os mandatos dos deputados não são revogáveis e as decisões do parlamento tem um carácter iminentemente coercitivo. A assembleia parlamentar occupa-se de todos os assuntos que dizem respeito à vida social dum povo, sejam eles de interesse geral, ou local, ou meramente técnicos.

O sindicalismo, ao contrario, como doutrina de organização politica e económica, é caracterizado por uma profunda descentralização administrativa, de modo que não só os problemas de carácter profissional sejam resolvidos pelos profissionais, mas ainda que as questões de interesse regional sejam tratadas directamente por aqueles a quem interessam. As resoluções corporativas não tem — pelo menos por uma forma directa — um carácter coercitivo. O mandato dos delegados é revogável em qualquer altura; e aqueles são electos por assembleias homogêneas de profissionais, onde se faz uma verdadeira seleção natural das competências.

Os senhores vão agora dizer-me que a instituição parlamentar é susceptivel de passar por todas estas transformações sem que por isso deixe de ser um parlamento; e que, afinal de contas, sob o ponto de vista etimológico, é tão legítimo chamar vadio a um que anda no exercicio de uma profissão, ou mariola a outro que já foi a Setúbal nor mar, como é legítimo chamar parlamento a uma assembleia de delegados das associações de socorros mutuos. Simplesmente as palavras servem para traduzir conceitos e, se lhe vamos a dar uma tal elasticidade, acabamos por nos não entendermos. Se pelo facto de se poder transformar uma esfera num cubo, facetassegamos agora a trocar os nomes daquelas duas formas geométricas, toda a gente se riria de nós.

Deixemo-nos, pois, destes bisantismos de linguagem e encaremos o problema de frente.

¿E' ou não verdade que a instituição parlamentar não dá garantias de competência administrativa?

¿E' ou não verdade que a organização sindicalista obvia largamente a este inconveniente e facilita a solução dos mais aptos?

¿Que pensa o Partido Socialista Português acerca da organização social que há-de substituir esta decrepita sociedade capitalista? ¿A nova organização deve ser sindicalista ou parlamentarista?

Uma vez isto assente, lá irei aos outros pontos que O Combate trouxe à teta da discussão e que eu reputo muito interessantes e muito dignos de serem discutidos. Situações e maneiras de pensar que se esclarecem, mal entendidos que se desfazem, posições que se definem bem claramente, tudo isto é, a meu ver, extraordinariamente útil. De modo que, sempre que as minhas occupações me deixem dois momentos livres, eu cá voltarei ao assunto, comentando, sem ranco nem fobia socialista, os artigos de O Combate.

A. QUINTANILHA.

União dos Empregados no Comércio de Lisboa

Realisa-se hoje a inauguração das festas nesta colectividade, festas que durarão até ao mês de Outubro, sendo o programa de hoje o seguinte: às 6 horas, alvorada por um termo de cornetas; às 10 horas, sessão solene, para inaugurar a nova taboleta, fazendo uso da palavra diversos oradores do movimento associativo; às 21 horas, abertura da quermesse, seguida de baile, que será abrilhantado por uma distinta pianista, revertendo o produto a favor da instrução.

PORTO, 12. — A Alfândega rendeu 16 contos e 843 libras em ouro.

CONTOS DE «A BATALHA»

Um regenerado

- Adeus, adeus!...

E as silhuetas dos dois velhotes, afastaram-se a passo lento, e o longo vermelho do meu pai foi o último a desaparecer na bruma daquela manhã de Outubro. Fiquei-me ainda por momentos contemplando o branco novotão que acabara de os tragar... Lá iriam eles por essa estrada fora, tremendo, fiorentes, curvados pelos anos para a terra húmida.

Senti-me só, muito só, parado ali ao meio do caminho. Olhei em redor. Os campos afogavam-se no nevoeiro... a estrada lamacenta e parda, perdia-se naquele manto alvo e frio como uma mortalha. Que medo eu tive daquela solidão; que vontade de voltar atrás correndo, alcançar os velhos, beijar as faces carcomidas de minha mãe, abraçar o arcoabóio ainda largo de meu pai e dizer-lhes: «Fiquei! Que me importa que a lei que me chama às fileiras para servir essa Pátria que não conheço! A Pátria, a única e verdadeira Pátria, é tu, meu bom pai, és tu minha doce mãe, és a pequena herdade onde Vocês se extenuaram até ao envelhecimento, os campos onde eu e meus irmãos labutamos todo o Santo dia!»

«O resto não conheço, não sei o que é!»

Aí! mas a Lei lá estava inexorável à minha espera, adivinhava-a, ali olucitava do nevoeiro, fitando-me com os seus olhos vespigos e invisíveis. Enchi-me de coragem. Cado ao ombro, o saquinho dependurado na ponta e a mão puz a caminho palmilhando quilómetros sem fim, sempre na direcção daquela brancura fatigante até à estação onde pela primeira vez esperou o comboio que me conduziria à cidade.

E não tardou; alguns minutos depois duas luzes sangrentas olharam-me de longe... lá do horizonte brumoso; e quasi em seguida aquele caminhar gigantesco parou resfolegando e espumando em frente da estação.

Subi alguns degraus e entrei naquela massa negra; dir-se-ia que uma nuvem carregada de tristeza ofuscara toda a claridade que havia ainda na minha alma de camponês.

«Combóio partiu; acostei-me à janela do vagão e olhei para os lados da minha aldeia, onde a esta hora, meus três irmãos mais novos e os meus pais mais cabibaiços, pezarosos andavam na faina rural; que distinguir alguma coisa; talvez os encliticos agudos se apercebessem daqui; mas nada, nada se viu; só aquela alvura cegante se obstinava a entrepor uma barreira invisível; só ela, branca e impassível, parecia dizer que jamais voltaria à terra onde trabalhei e amei.»

Que distância imensa vai daquele camponês ignorante e ingénuo do homem prevterido pela cidade e pela caserna.

Durante seis anos me conservei em Lisboa sem que tivesse desjeio de beijar aqueles que, por lá deixei a trabalhar para mim.

Nos primeiros tempos ainda me acalavam saudades pungentes daquela vida sã; das moçoilas de lenços amarelados e berrantes que pulavam comigo nos bailes e nas vindimas; das feiras tumultuosas e plenas de luz; das tenebrosas noites de inverno passadas ao canto da lareira escutando histórias rememoras de saltadores e assassinos...

Mas os camaradas de caserna depressa me arrancavam a devaneios e sonhos; arrastavam-me para a taberna mais próxima onde bebíamos até nos envolvermos nalguma rixa com fadistas e prostitutas. Por fim eu próprio quando mal sentia uma ponta de saudade (sabesbrar ao canto do meu cérebro a afogá-la em vinho, enlameá-la na companhia de cortezas baratas. E descí, descí aos antros mais baixos e mais ignóbeis da sociedade. Já lá não podia resistir; uma força oculta levava-me; arrastava-me para aquele turbilhão sujo, repelente.

Meu pai escrevia-me cartas lamurientes, descrevendo com grandes erros ortográficos o estado lastimoso em que se encontrava a herdade; a horrível situação financeira que eu criara com os seus constantes pedidos de dinheiro para ver se conseguia—como lhe mandava dizer—obter licenças, dinheiro que eu aproveitava para dormir algumas noites com uma amante que arranjara em Alfama. Pobres velhos! Sob as letras mal lançadas das suas cartas, sob aquelas virgulas deslocadas, sob aqueles períodos sem pontos, eu adivinhava que uma grande tragédia se avizinhava. Era-me, porém impossível pensar muito tempo nesses assuntos desagradáveis; pouco a pouco foram perdendo todo o interesse, porque já alguns anos cheios de uma vida febricitante e muito diversa...

N.º 199 de A BATALHA Folhetim N.º 10

O CALVÁRIO

POR OCTAVE MIRANDA

11

Enquanto me dirigia para a tenda, tropeçando com mil projectos negros atravessando-me o espírito, mal prestei atenção ao miliciano que, parado ao pé de um pinheiro, tinha-lhe próprio aberto um abcesso com uma navalha, e, livido, com o rosto banhado de suor, lá dava a ferida de onde o sangue corria.

A manhã passou melhor do que eu imaginava. Tive a sorte de me não pender serviço algum, e, depois de limpar a espingarda, enfiada pela chuva, repousei durante algumas horas.

Estendido sobre o capote, com o corpo entorpecido em um dormitar delicioso, que me deixava perceber distintamente os ruídos do campo—os toques de clarim, e o relinchar de um cavalo, ao longe—pensava nos seres e nas coisas que em minha deixado. Mil rostos e mil paisagens desfilaram rapidamente...

Diário sindicalista

NO PORTO Almeida Garrett

«Atheneu Comercial»

Um dos numeros do programa a quando das bodas de ouro do Atheneu Commercial do Porto, foi o lançamento da primeira pedra para um monumento ao ilustre varão tripeiro Almeida Garrett.

Ora eu não compreendo que afinidades de ordem espiritual possa haver entre os «bórges» e «contas correntes» desse Atheneu e a obra desta «grande personalidade essencialmente artística».

A não ser que o ilustíssimo senhor Almeida Garrett tivesse também sido contabilista, homem de negócios, ou o inventor do ministério dos abastecimentos, o que não me consta.

Que o «conceituado» burguês da nossa praça, ao festejar as suas 50 risonhas primaveras, deite discursos, chapéu alto, de, no Palácio de Cristal, um opiparo banquete aos seus pantagruélicos estômagos; um forróbodo até às sete horas da manhã; e, depois, se fotografar com a família—vá, com trezentos milhões de Mercúrios. Mas que a sua vaidade, a sua irreverente vanglória, vá ao ponto de querer homenagear as qualidades intelectuais dum homem que ele apenas conhece de ouvido—ele que faz das páginas das «Viagens» embrulhos para o sabão, não pode ser.

Supremo escárnio! É uma afronta, às misérias do rico! A vanglória do deus milhão!

O burguês, a pança, tinha a burra atulhada de ouro; mas para a sua vaidade, fome de honrarias e salamealques, o ouro não bastava. Era preciso um gesto, qualquer coisa que incitasse os aplausos da imprensa-balcão e os parabens do compadrio amaneirado.

E eles, os pobres de espírito, tiveram o gesto e os aplausos louvameiros dessa imprensa, e os parabens da confraria.

...E vai tanta fome por este Porto feral...

A psicologia do burguês tem disto. Das suas faculdades, da sua educação artística sobejam provas.

Rui Coelho veio ao Porto falar-nos da sua Arte, da sua grande alma de compositor. O burguês ficou-se a ouvir o gramofone, e as bregeirices da «cara metade».

Eduardo Brazão vem aos tablados do teatro tripeiro. Poi me preciso que as autoridades intervissem para se poder ouvir da plateia.

Pois vejamos o que foi o acto solene do lançamento da primeira pedra para o monumento a Garrett.

Um recito que uma corda fechava para conter a distância o «indígena» que não fôr convidado. Um pavilhão com meio cento de ilustres desconhecidos. Leitura do auto... Refrescos, ventarolas, uma banda de música a executar os *pas-de-calle* das touradas, e uma girândola de foguetes...

Que tristeza e que nójo! Amanhã a miséria irá catar os piochos para junto do monumento; o rapazolejo apedrejar-lo há, e os cães vadios, urinando-o, dir-se-ia que urinam para a vaidade de todos os «Atheneus Commercias».

Cuidem dos monumentos e das maravilhosas ruínas, se assim entendem, levantem estátuas, monumentos, panteões, mas antes eduquem o povo, instrua-no, e, sobretudo, deem-lhe pão.

Porto, Agosto 1919, J. R.

SINDICATOS da PROVINCIA

Construção Civil de Oeiras.—Pela Associação da Construção Civil de Oeiras, realiza-se no próximo dia 21, na Associação dos Caixeiros dos Concelhos de Cascais e Oeiras, a 3.ª sessão da série, não se podendo realizar no dia 14 do corrente, como foi anunciada, por motivo do Congresso de Coimbra.

Joaquim Carreira

A' viúva e filhos deste falecido camarada, entregou a comissão angariadora de doativos, composta pelos camaradas, A. A. Magina, J. A. Padessa e Bernardino dos Santos, as seguintes importâncias:

Sessão Operários Municipais, 1544; Luís Fadigas, 200; Anónimo, 330; Empregados Menores Comércio e Indústria, 1840; Grupo de Manufactores de Calçado, 2905; Uma lista, 7334. Total, 12373.

Trabalhadores lède e propagai

Mário DOMINGUES

dante dos meus olhos... Revi a Prienrê, minha mãe morta, meu pai com o seu grande chapéu de palha, o pequeno mendigo de cabelos claros, e Félix agachado nos cantos, no meio das alfaias, espreitando uma toupeira. Revi o meu quarto de estudante, os meus companheiros de escola, e, dominando o tumulto de Bullier, Nini, trigueira e desgrenhada, com os lábios pintados de carmin, cabeleira ruiva e meias cor de rosa, saindo, flores lascivas, das saias levantadas pela dança. Depois a imagem de uma mulher desconhecida, de vestido cor de malva, que eu tinha visto uma noite, no teatro, no fundo do camarote, passava-me pelo espírito, em uma visão suave e obstinada!

Durante este tempo, os mais válidos dentre nós tinham percorrido o campo e as herdades. Voltaram alegremente, carregados de feixes de palha, de galinhas, de perus, de patos. Um trazia diante de si, a golpes de verdade, um grande porco que grunhia; outro trazia aos ombros um carneiro; ainda outro trazia preso com uma corda, feita de vrias torcidos, um bezerro que resistia comicamente, mugindo e sacudindo o focinho.

Os camponeses corriam ao acampamento para se queixar de que tinham sido roubados; eram apunçados e corridos. O general, acompanhado do nosso tenente coronel, que lhe caminhava à direita, muito apunçado, com os olhos muito abertos, veio à tarde passar-nos revista. O seu olhar brilhante, a sua cor vermelha, a sua voz pastosa...

Diário sindicalista

NO PORTO Câmara Municipal de Lisboa

Nova Escola de Cegos

Apresentada pelo vereador Luis Viegas foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta:

«Tendo o director da Nova Escola de Cegos, sita na rua Senhora da Glória, à Graça, 65, 2.º, oficiado em 31 de Maio último a esta Câmara, pedindo que o subsídio pela mesma concedido à instituição que dirige seja aumentado em um escudo mensal; considerando que se trata de uma instituição altamente humanitária, merecendo todo o apoio da Câmara, tendo a hora de propor: Que a referida escola seja aumentado o subsídio mensal que a câmara lhe concede, não em um escudo como pede mas em dois».

Taxa militar

Foram votados para fazerem parte das comissões de lançamento da taxa militar nos 4 bairros desta cidade durante o presente ano e o próximo ano de 1920, os srs.: Jerónimo Braga de Carvalho, para o 1.º Bairro; José Lino da Silva, para o 2.º Bairro; José dos Santos, para o 3.º Bairro, e Joaquim Perreira de Sousa Neves, para o 4.º Bairro.

Exames para mestres de obras

Tendo-se levantado dúvidas entre a 4.ª e a 3.ª repartições sobre a qual das duas competia proceder aos exames para mestres de obras a que se refere o regulamento de segurança dos operários, o vereador sr. Manuel Marinho propôs, sendo aprovado, que enquanto não fossem resolvidas aquelas dúvidas ficasse a 4.ª repartição encarregada de proceder nesses exames, devendo o respectivo chefe no mais curto prazo possível de marcar o dia em que esses exames deverão ter lugar.

A instrução pelas bibliotecas

No louvável intuito de dar desenvolvimento às bibliotecas custeadas pelos municípios do país, a Comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa, solicitou do ministro da instrução o estudo dum projecto de lei obrigando as oficinas tipográficas a mandarem exemplares das publicações nela feitas às bibliotecas e bem assim serem nos locais entregues todas as publicações oficiais.

Uma conferência com o governo

Na próxima segunda-feira, pelas 13 horas e meia, devem reunir-se no edifício dos Paços do Concelho os deputados eleitos por Lisboa a fim de, com a Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa, que os aguardará, irem conferenciar com o governo sobre vários assuntos de importância entre os quais os respeitantes ao abastecimento de águas à cidade de Lisboa, à liquidação da dívida do Estado à Câmara, à comemoração da data de 5 de outubro, à questão das carnes.

O senado americano e o tratado de paz

WASHINGTON, 4.—O chefe do grupo democrático afirmou no senado que a maioria dos senadores não aceitariam jamais as alterações do tratado trazidas pela comissão senatorial. Declarou que o único fim da maioria da comissão era, emendando o tratado, fazê-lo anular e que tal decisão seria fatal aos Estados Unidos.—H.

Sessão de Confraternização Socialista

É grande o entusiasmo que está despertando no meio socialista e operário, a 2.ª sessão de confraternização que a Comissão de Instrução Propaganda do Centro Socialista de Lisboa, efectua hoje, domingo, pelas 21 horas prefixas, na sua sede, rua do Bemfornoso, 150, 1.º.

Far-se-á o seu início com uma conferência pelo companheiro Francisco Duarte Salvador, sobre «A solidariedade dos homens e o caminho para a sua emancipação social».

«O Orfeão Socialista» dirigido pelo companheiro Angelo da Silva fará pela primeira vez a sua apresentação.

Haverá recitação de monólogos, poesias, canto e música.

Todos os socialistas acompanhados das pessoas de sua família e amigos podem assistir.

Cruz Vermelha

No posto da Cruz Vermelha fizeram-se ontem 13 curativos de urgência a indivíduos vítimas de pequenos desastres e 30 pensos repetidos e no dia seguinte, 8 de urgência e 12 repetidos. Os seus autos conduziram aos hospitais 38 doentes.

Receberam também curativo no posto do Terreiro do Paço:

Maria da Conceição, rua de S. Paulo, 210, 2.º, que, na mesma rua, foi agredida com duas pedras, ferida na cara e no braço direito; Virgínia Gonçalves, rua S. João da Mata, 95, 2.º, que, em Santos, caiu de um eléctrico, ficando muito ferida na cabeça e no corpo; e António Correia, descarregado, rua Direita do Beato, 12, nos Armazéns Agrícolas, foi colhido por uma saca de milho, fracturando uma costela.

das, de aldeia em aldeia, acerca dos incêndios, das violações, dos massacres, das diversas atrocidades com que os Alemães aliam os territórios invadidos, tinham levado à pressa o que possuíam de mais precioso, abandonando campos e casas, e, muito apressados, caminhavam para a frente, sem saberem para onde. À noite, paravam, acasoa, no caminho, perto de um burgo, e algumas vezes em pleno campo. Os cavalos, desatrelados e peados, pastavam a erva dos valados; os homens comiam e dormiam como podiam, guardados pelos cães, ao vento, à chuva, ao frio das noites brumosas. No dia seguinte, partiam. Rebanhos de animais e bandos de homens sucediam-se interminavelmente. Passavam, e sobre a grande estrada amarela via-se alargar a fila negra e vagarosa dos fugitivos até se confundir com o horizonte. Dir-se-ia o exodo de um povo. Interroguei um pobre velho que conduzia um carro puxado por um burro, e no fundo do qual, metidos no meio de censores, de couves e de trouças atadas com lenços, iam uma campaneta de nariz chato, dois porcos brancos e dez galinhas atadas pelos pés.

Então, tens os Prussianos em casa? perguntei.

«Oh! os Prussianos! respondeu o velho.—Não me fale nisso!... Um dia de manhã chegou um bando com chapéus de penas... Fizem um alarido! Oh! grande Deus! E depois levaram tudo... Ao princípio julguei que eram Prussianos... Soube depois que eram franco-atiradores...»

Diário sindicalista

Continua a fita da Casa da Moeda

Isto caminha às mil maravilhas! O mestre Azevedo acaba de tomar outra heróica resolução: deu ordem ao porteiro proibindo terminantemente a entrada no edifício aos senhores Artur e António...

Sin senhor, aquilo é que é tacto, aquilo é que é inteligência! Porém, fique o mestre Azevedo sabendo, que eu, nem meu irmão, lhe demos tempo a que se consumisse o seu desejo, porque já há muito tempo esperávamos a «inteligentíssima» ordem e não iamos ao «Pálio das Ocas».

Sai desorientado de todo o homem. Falta só que ele agora proíba a entrada de A Batalha na roça, que desde que se tem um colchimento colossal.

Tudo naquela casa lá A Batalha na roça, que desde que se tem um colchimento colossal, tudo naquela casa lá A Batalha, só é e que parece que não é a...

Não me intimida, porém, com essas orações chocas. E já que ele está assim a punar-me pela língua, eu digo ao sr. Lucio de Azevedo que ponha os olhos no que fazem os seus apunçados. Ele que disse à comissão que se entendeu com ele, que eu não passava no pálio, não vá ou finge não ver o que fazem os seus.

Caso entre tantos: há tempos, estavam dois serralleiros da sua grei-a a dormirem muito serenamente, na oficina de carpintaria, como se estivessem em sua casa, quando passou o sr. engenheiro Cruz, co-compañe do mestre Azevedo. Não querendo acordar tam conspicuos servidores (estavam dormindo numa oficina que está debaixo da sua jurisdição) agarrou no frasco dum desinfectante qualquer, que cheira muito mal, e começou despejando no pé dos dorminhocos, a ver se assim acordavam.

Pois cada frasco desse preparado que o sr. engenheiro despejou para ali à doideira, custam cada um a bagatela de 5 escudos, nada mais, nada menos. Isto é durante o consulto do fero director, todo trabalho e economia, cuja única defesa neste caso, é proibir-me a entrada no edifício.

Descanse. E mais uma vez lhe digo que não é com essa ordem que eu hei de deixar de dizer que o sr. Lucio de Azevedo é o director, mais tirano e mais cínico que a Casa da Moeda teve desde os tempos remotos da monarquia aos tempos endicados da república, que o sr. Lucio de Azevedo, não fôr mais tempo para o barbeliro em frente da Moeda que já tinha tirado algumas repaías ao pessoal e que ainda havia de tirar mais.

Não é por isso que hei de deixar de afirmar perentoriamente que o sr. Lucio, não integralmente o despacho do ministro das Finanças, só o conteúdo na parte das perseguições áquelas que sabem o que vale um operário, e nos que não vão na sua corrente política; não é com essa ordem que eu hei de deixar de dizer que o sr. Lucio de Azevedo...

Esperem, esperem... Isto não vai a matar e A Batalha não é só minha...

Vai por conta gótes, para saborear a raiava espumante do histórico director.

O tratado no senado francês

PARIS, 4.—A comissão senatorial dos negócios estrangeiros aprovou por unanimidade as conclusões do relatório do sr. Leon Bourgeois sobre o tratado de paz.—H.

A sair brevemente

NOTAS & COMENTÁRIOS

Preço \$30

Um inquerito como tantos

Do moribundo ministério dos abastecimentos chegaram até nós os seguintes cantos do cisne:

«Foi publicado no Diário do Governo de 10 do corrente o parecer da comissão de inquerito encarregada de sindicar a seu pedido, o engenheiro agrônomo Virgílio Bugalho Pinto como chefe da repartição de géneros alimentícios da extinta secretaria de Estado das subsistências e transportes. A referida comissão, nada encontrando justificado contra a honrabilidade do aludido funcionário, averiguiou que o mesmo foi dum escrupulosa honestidade e dum inextinguível zelo, aliados a uma provada competência de serviço.»

«Tomou hoje posse o engenheiro agrônomo Domingos Alberto Favares da Silva dos lugares de inspector da fiscalização e director geral do comércio interno para que foi nomeado, em comissão gratuita de serviço, pelo ministério interno dos abastecimentos e transportes.»

—Mas os Prussianos?

«Os Prussianos!... Quais Prussianos? Foi gente que ainda não viu... Talvez a esta hora estejam na nossa casa... A Jacqueline julga que viu um, outro dia atrás de um valadão... Diz que era alto, muito alto, e vermelho, como o diabo... Dizem que são selvagens raiivosos. Mas sabe o que eles são ao certo?...

—São Alemães, como nós somos Franceses.

—Alemães?... Entendo... Mas o que nos querem esses malditos alemães? digam-me, senhor militar... Eu tratei de salvar os meus porcos, a minha filha, as galinhas e tudo mais... E os camponeses seguiram o seu caminho, repetindo:

«Os Alemães! Os Alemães!... Que nos querem esses malditos alemães? Nessa noite, em frente de toda a linha do acampamento, acendemos foguetas, e as marmittas, cheias de carne fresca, cantaram alegremente sobre as formalias improvisadas com terra e cerejas. Foi para nós uma hora de delicioso esquecimento. Uma aragem pacífica de conciliação parecia cair do céu, todo o azul de luar e todo brilhante de estrelas; os campos que se estendiam em suaves ondulações de vago, tinham não sei que intermediação doutra que nos penetrava a alma; corria-nos pelos membros doridos um sangue menos acre, e recuperávamos as forças. Pouco a pouco, apagava-se a recordação, ainda tão próxima, das nossas desolações, dos nossos desastres, dos nossos martírios, e a ne-

Diário sindicalista

A BATALHA

na Província

VILA FRANCA DE XIRA, 16

A' classe dos pecadores—Melhoramento que se impõem

Presados camaradas: Orgulho-me bastante em ver no jornal O Combate de 9 do corrente um artigo, que creio seja da autoria dum pescador, onde reclama um calis ou uma ponte, onde podesse atracar as vossas saúdes, sem correrdes o risco de serdes cortados pelos vóros ou espetados pelos pregos, que abundam na praia onde descarregais o peixe, por vós pescados.

Nada mais justo que a vossa reclamação. Esse melhoramento já de há muito devia estar executado, se quem de direito tivesse olhos de ver, e não estivesse executado por quem, camaradas?

Porque a vossa voz não se tem ouvido publicamente, colectivamente. E preciso que despareçam as camaradas, porque enquanto não vos unirdes como um só homem, não vereis atendidas as vossas justas reclamações.

Mais perguntas: onde nos devemos reunir, para ao mesmo tempo reclamarmos aquilo a que temos incontestável direito? E eu responder-lhes hei na vossa associação de classe, que a devesis imediatamente organizar, no que vos não faltará camaradas de outras classes já organizadas, para vos orientar, até que possais só tomar a vossa decisão.

Sin camaradas, organizai a vossa associação de classe porque hoje mais do que nunca, é indispensável a organização da vossa classe, porque enquanto não bradais isolados não sereis ouvidos, pois será o mesmo que bradar no deserto.

Já temos falado com camaradas a vossa respeito, que nos garantem estarem ao vosso dispor para ajudar a organizar a vossa associação, e então meus amigos, mãos à obra.—C.

ALMADA, 12

Ainda a agressão a Manuel Guinote—Excurso que se não realiza—Falecimento

Está finalmente esclarecido o caso de agressão de que foi alvo o camarada Manuel Guinote, caso a que A Batalha se referiu, em carta que por este lhe foi dirigida, o que deu causa a que o administrador deste concelho, fizesse umas declarações ao correspondente de A Batalha, nas quais era posta em dúvida a queixa feita por aquele operário. Ficou, pois, este caso liquidado com a declaração, feita pelo administrador ao camarada Manuel Guinote, de que desconhecida a veracidade do que se lhe passou, comunga a que o camarada Guinote na sua primitiva afirmação.

Academias de Instrução e Recreio Familiar.—Por motivo de avaria das máquinas e não podendo a C. P. dispor de comboios fáca sem efeito o projectado passeio a Colares, podendo os portadores de bilhetes providores, fazer a sua entrega, a fim de serem reembolsados.

Ritizou-se hoje o funeral do operário Teodoro Guinote, que trabalhava nas obras do novo Arsenal do Alentejo.

Fizeram-se representar no funeral a Associação dos Corticeiros e a da construção civil onde o falecido contava inúmeros amigos.

A família enlutada os nossos pezaços.—C.

Queda fatal

Na enfermaria 10 (Santo Alberto) faleceu Alberto Pereira, de 43 anos, trabalhador, residente na Amora, que, como noticiámos, no dia 26 de Junho último, deu ali, na fábrica de Vidros, uma queda.

As verdadeiras causas da vida cara

Relem-se e deixam-se apodrecer os géneros só para manter a alta do preços

Pelo ex-ferroviário Tomás Domingos de Oliveira foi pedido auxílio da policia e do fiscal do governo junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, a fim de deter a remessa n.º 38.188 de pequena velocidade, que se compunha de 30 sacos com bacalhau, com peso de 1.803 quilos.

Este bacalhau estava deteriorado e seguia para Paialvo, à consignação de Delgado Júnior, proprietário da remessa.

Segundo nos declarou o camarada Tomás de Oliveira, davam-se os casos interessantes das tabelas dos volumes estarem pouco legíveis e a remessa encontrasse na gare do lado da carga de remessas de grande velocidade, quando se tratava duma remessa de pequena velocidade, constando que o chefe Teixeira é que tinha ordenado que a remessa seguisse em grande, fraudando assim os cofres da Companhia em proveito dos amigos.

Já quando esta apreensão estava feita, foram despachados 10 sacos de arroz e 4 de feijão, com o peso de 1.119 quilos constituindo a remessa 75.512 de grande velocidade para a mesma estação, e consignada a Mateus Cardoso.

Reclamada novamente a intervenção da autoridade, pois que das sacas saía uma quantidade enorme de bichada, ficando a remessa deitada também, conservando-se um policia de guarda às mercadorias avariadas e que ontem foram consideradas incapazes para o consumo público pelo respectivo sub-delegado de saúde e removidas para o guano.

Uma conferência de propaganda Mutualista

A sr.ª D. Maria O'Neill, realiza hoje, pelas 11 horas, na camara municipal do Seixal, uma conferência subordinada ao título «A Verdade, o Bem e o Belo».

cessidade de proceder voltava de novo, ao mesmo tempo que em nós acordava a consciência do dever.

Uma animação desusada reinava no acampamento. Uns corriam levando um tico para acender as fogueiras que se apagavam; outros sopravam nas brasas para as avivar, ou arranjavam legumes e cortavam pedaços de carne. Soldados, reunidos em volta de uma fogueira, entoaam com voz zombeteira o Vis-le Bismark.

A revolta, filha da fome, fundia-se no rom-rom das marmittas.

No dia seguinte, quando o último de nós respondeu Pronto à chamada, o tenente comandou:

«Formar em círculo Marche!

E com voz titubeante, soletrando as palavras, saltando frases, o furriel fez uma pomposa ordem do dia do general. Dizia-se, nesse pedaço de literatura militar, que um corpo de exercito prussiano, esfaímado, roto, sem armas, depois de ter ocupado Chartres, avançava sobre nós a marchas forçadas. Era preciso impedir-lhe a passagem, repeli-lo sobre Paris, onde o valente Ducrot só esperava por nós para sair a varrer de vez todos os invasores. O general recitava as vitórias da Revolução, a repedição ao Egipto, Austertiz e Borodino. Afirmava que nós saberíamos mostrarmos dignos dos nossos gloriosos antepassados de Sambre-et-Meuse. Portanto, dava as instruções estratégicas para a defesa da região: estabelecer uma barreira inexpugnável à entrada deste do burgo, uma outra mais inexpugnável

Diário sindicalista

A BATALHA

na Província

VILA FRANCA DE XIRA, 16

A' classe dos pecadores—Melhoramento que se impõem

Presados camaradas: Orgulho-me bastante em ver no jornal O Combate de 9 do corrente um artigo, que creio seja da autoria dum pescador, onde reclama um calis ou uma ponte, onde podesse atracar as vossas saúdes, sem correrdes o risco de serdes cortados pelos vóros ou espetados pelos pregos, que abundam na praia onde descarregais o peixe, por vós pescados.

Nada mais justo que a vossa reclamação. Esse melhoramento já de há muito devia estar executado, se quem de direito tivesse olhos de ver, e não estivesse executado por quem, camaradas?

Porque a vossa voz não se tem ouvido publicamente, colectivamente. E preciso que despareçam as camaradas, porque enquanto não vos unirdes como um só homem, não vereis atendidas as vossas justas reclamações.

Mais perguntas: onde nos devemos reunir, para ao mesmo tempo reclamarmos aquilo a que temos incontestável direito? E eu responder-lhes hei na vossa associação de classe, que a devesis imediatamente organizar, no que vos não faltará camaradas de outras classes já organizadas, para vos orientar, até que possais só tomar a vossa decisão.

Sin camaradas, organizai a vossa associação de classe porque hoje mais do que nunca, é indispensável a organização da vossa classe, porque enquanto não bradais isolados não sereis ouvidos, pois será o mesmo que bradar no deserto.

Já temos falado com camaradas a vossa respeito, que nos garantem estarem ao vosso dispor para ajudar a organizar a vossa associação, e então meus amigos, mãos à obra.—C.

ALMADA, 12

RELATÓRIO DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA U. O. N.

Apresentado ao II Congresso Operário Nacional

(Conclusão)

Uma exortação da U. O. N.

Foi então que a U. O. N., para dar a mais cabal demonstração de que a animava apenas o intuito de lutar por uma menos difícil situação para a classe trabalhadora, provando simultaneamente que não eram as greves, ao contrário do que afirmavam os assambradores e os governantes, que motivavam a carestia da vida, mas sim a desmarcada ganância dos primeiros, aliada à protecção e à incompetência dos segundos; foi então que a U. O. N., dizíamos, deliberou fazer uma exortação a todos os assalariados, em manifesto que foi profusamente distribuído no país, documento que impressionou fundamente a opinião pública. Era assim concebida essa exortação. (Segue a exortação).

Este apelo foi tomado na maior consideração pela classe operária e, a provar esta asserção, está o facto de muitas corporações operárias que planeavam realizar movimentos de reclamação de aumento de salário haverem feito o nobre sacrifício de sujeitar-se a continuar trabalhando nas condições anteriores, esperanças, como nós o estávamos também, na eficácia dum movimento geral no país.

O relatório da U. O. N. sobre a greve de Novembro

Em relatório especial, já publicado no nosso órgão *A Batalha*, depois de ter sido presente ao Conselho Central, se descreve o que se seguiu, relatório que reproduzimos em seguida: (Segue o relatório da C. A. publicado nos n.ºs 88, 91, 95 e 102 de *A Batalha*).

Parecer sobre o decreto eleitoral

Em sessão do Conselho Central de 9 de Abril de 1918 votava o Conselho Central o seguinte parecer sobre o decreto eleitoral que consignava a representação das associações operárias no Senado da República. (Segue o parecer).

Todas as associações operárias do país respeitaram absolutamente a doutrina deste parecer, excepto a dos Guarda-livros de Lisboa, cuja existência no mundo operário (onde era desconhecida) se afirmou apenas para a nomeação abusiva de dois senadores, atitude esta contra a qual a U. O. N. teve ocasião de manifestar-se publicamente.

A criação do Conselho Jurídico da U. O. N.

Um dos encargos que esta Comissão Administrativa recebera da Conferência Operária Nacional era o de constituir o Conselho Jurídico, que fora votado em princípio no Congresso de Tomar. Continuamente desviadas as nossas atenções para os camaradas presos por delitos emergentes de carácter económico e social, necessário era tratar da sua situação, para que a sua permanência nas cadeias se não eternizasse, o que nos levou a constituir a referida instituição, que do mesmo passo que nos evitaria uma constante preocupação porque as perseguições aos mais activos elementos da classe operária eram ininterruptas — trataria com a devida idoneidade jurídica da interpretação das leis, tendo ainda a vantagem de responder, pronta e competentemente, às consultas que, acerca de vários diplomas legais, sucessivamente eram feitas à U. O. N. Assim, lançámo-nos com decisão aos trabalhos preparatórios do Conselho Jurídico, promovendo que os sindicatos nos enviassem, devidamente preenchidos, uns impressos para conhecimento da respectiva população associativa, e só depois de haverem desenvolvido uma grande propaganda conseguimos que quasi todos os sindicatos unificados criassem a cotização de um centavo mensal, por filiados, para a manutenção do referido organismo. Em reunião do Conselho Central, efectuada em 24 de Maio, 7 e 14 de Junho e 23 de Julho de 1918 foi discutido o regulamento do Conselho Jurídico, que ficou assim elaborado, e depois foi impresso e remetido aos sindicatos. (Segue o regulamento do Conselho Jurídico).

O Congresso dirá se tal instituição corresponde ao que dela se esperava. É a nossa opinião que o Conselho Jurídico tem deficiências, não que esteja inteiramente, tal como funciona, ao que dele esperávamos. Compete, porém, ao Congresso, e não a nós, pronunciar-se liberramente sobre o assunto.

A U. O. N. perante os sindicatos mistos

Viu-se a Comissão Administrativa, embaraçada por vezes, perante adesões que recebia de vários sindicatos mistos e de outros que, não o sendo, eram considerados desdobramentos, o que sucedeu sobretudo quando a Associação das Costureiras e Alfaiates externos do Depósito Central de Fardamentos manifestou o seu desejo de ingressar na U. O. N., sindicato esse que era considerado um desdobramento, o mesmo sucedendo em relação aos sindicatos dos Empregados dos Bancos e Câmbios e Empregados de Escritório de Lisboa, igualmente considerados pela Federação Portuguesa dos Empregados do Comércio, como desdobramentos da Associação dos Caixeiros de Lisboa. Em relação à primeira das associações, depois do assunto ter sido largamente debatido no Conselho Central, foi nomeada uma comissão que, avistando-se com os corpos gerentes desse sindicato, diligenciou realizar um entendimento entre o mesmo e o dos alfaiates. Não obteve êxito imediato tal *démarche*, mas em consequência dela foi possível aproximar as direcções dos dois sindicatos, que depois trataram directamente, tendo chegado felizmente a um acordo, em virtude do que foi registada, pouco depois, a adesão do primeiro. Quanto ao sindicato dos Bancos e Câmbios, achamos útil convidar a F. P. E. C. a enviar delegados a uma sessão do Conselho Central (ao qual não é aderente) onde, na presença de representantes daquele sindicato, o assunto foi vivamente discutido, tendo o Conselho resolvido, depois dessa discussão, aceitar o ingresso da Associação dos Empregados dos Bancos e Câmbios. Mais tarde, obedecendo ao critério estabelecido, foi aceite a adesão do sindicato dos Empregados de Escritório.

Eram, porém, sucessivas, no Conselho Central, as discussões a propósito da entrada, na U. O. N., de sindicatos mistos, cuja adesão esta Comissão Administrativa, salvo casos muito especiais, entendeu não dever repelir por saber que os Congressos não rejeitaram, até agora, a participação de tais sindicatos nas suas reuniões, norma esta que, como é óbvio, não podia deixar de ser seguida pela U. O. N. Para que o assunto ficasse definitivamente esclarecido, esta Comissão comprometeu-se, perante o Conselho Central, a provocar deste Congresso uma pronúncia clara sobre o assunto, justificando-se assim a tese que a Comissão Organizadora apresenta acerca dos sindicatos mistos.

A classe operária em face dos dois movimentos políticos insurreccionais: o dos republicanos, em Santarém, e o dos monárquicos, no Norte e no Sul do país

Morto Sidónio Pais, cujos governos, que ele directamente inspirava, exerceram sobre a classe operária as mais tremendas perseguições, que desnecessário julgamos recordar ao Congresso, porque elas foram de tal vulto que já não poderão ser olvidadas; morto Sidónio Pais, fomos dizendo, sobreveio o movimento republicano de Santarém, que foi sufocado, perdendo-se assim a esperança de, pelo menos transitóriamente, podermos dispor duma relativa liberdade e arrancar ao cárcere muitos camaradas nossos que lá se encontravam; a maior parte deles vítimas, como os valentes camaradas do Sul e Sueste, da greve de Novembro, e ainda outros deportados em África. Veiu depois o movimento insurreccional dos monárquicos, os quais, aproveitando hábilmente a situação de predominio na política portuguesa, que governantes ineptos lhe haviam proporcionado, levaram a efeito, no país, o movimento revolucionário de Janeiro.

Ante esta infame tentativa das forças reacçãoárias, o operariado português não hesitou em pegar em armas, tendo-se produzido por essa data, em Lisboa,

entre tantas, uma manifestação que a nossa memória grava indelévelmente: a parada de liberais que, descendo a Avenida, veio significar a um governo de pusilânimes, senão de cúmplices, como era o que então se alandorava no Terreiro do Paço, que todos aqueles homens, os azoragados da véspera, estavam dispostos a bater-se para que a monarquia não triunfasse. Foram ainda esses homens que, desencadeada em Lisboa, horas depois, a revolução reacçãoária pelearam bravamente, unindo o seu esforço ao duma reduzida fracção das forças militares, para que a República — esta República que tam mal servida tem sido por políticos de pacotilha — não caísse aos golpes traçoceiros dos monárquicos. Vencidos estes, o primeiro cuidado dos operários com armas foi arrancar aos cárceres os trabalhadores que ali haviam sido levados pela sua dedicação à causa operária, parte deles em vésperas de serem enviados para a África nas mesmas ignominiosas condições em que haviam sido os trabalhadores rurais do concelho de Odemira e alguns de outras localidades que, graças à acção da U. O. N. e do seu órgão na imprensa, já regressaram à metrópole.

O aparecimento do diário "A Batalha"

Logo após a revolução, reunia o Conselho Central, o qual deliberava materializar uma aspiração que vinha de longa data: a publicação dum órgão diário que na imprensa pudesse ser o porta-voz do proletariado organizado. A ideia, acolhida com o mais quente entusiasmo, era convertida em realidade a 23 de Fevereiro, com a publicação de *A Batalha*, cuja direcção foi confiada ao último dos signatários. Da utilidade do nosso órgão na imprensa diário o Congresso que, como nós, tem acompanhado a sua acção, a qual tem sido orientada pelo estatuto da U. O. N., com uma correcção feita recentemente pelo Conselho Central.

"O Movimento Operário"

Por motivo das receitas para o antigo boletim da U. O. N. *O Movimento Operário* serem assás inferiores às respectivas despesas, não conseguiram as comissões de redacção e de administração desse boletim publicar — e fizeram-no com sacrifício — senão nove números dessa útil publicação, que bons serviços prestou à organização operária. Com o aparecimento de *A Batalha* achámos dispensável a sua manutenção que, a prosseguir, teria que determinar um aumento de contribuição por parte dos sindicatos, uma vez que a experiência nos demonstrara que a que fora votada pela Conferência Operária era insuficiente. Pelas razões expostas entendemos dever suspender o referido boletim, o que fizemos, tendo mandado a correspondente cotização até Março do corrente ano, data em que a comissão administrativa de *O Movimento Operário* conseguiu extinguir o déficit.

A greve do pessoal da C. P.

O maior acontecimento operário dos últimos tempos é a greve do pessoal da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, movimento que se prolongou durante cerca de dois meses, e em que alguns milhares de trabalhadores resistiram com tenacidade aos propósitos de subversão da Companhia, a qual, de acordo com as oligarquias do comércio e da indústria, conseguiu, mercê do auxílio que lhe emprestou o governo, que oferecendo-lhe tropa para guardar a linha, que cedendo-lhe militares para desempenhar uma parte dos serviços, levar de vencida os grevistas, que regressaram ao trabalho confiados apenas na palavra de honra do presidente do ministério de que as suas reclamações seriam examinadas, declaração esta aliás já feita ao iniciar-se o movimento.

Tinha o Sindicato Ferroviário andado muito afastado, até à eclosão da greve, da Central dos Sindicatos Portugueses, atitude essa apenas levemente interrompida quando da greve de Novembro, em que o referido Sindicato foi, pela U. O. N., convidado a participar do movimento geral, por motivo do que este teve de ser retardado — uma das causas do seu fracasso. Antes e depois disso, o Sindicato Ferroviário, por sistemática disposição dos elementos que o orientavam, ou se conservava absolutamente alheio à U. O. N. ou só desta se recordava para contrariar a sua acção, não sendo raro fazê-lo em notas oficiosas, publicadas nos jornais burgueses, confiando de que representava uma força que a si própria se bastava.

Nesta situação nos viu encontrar a greve daquela importante classe. Como proletários organizados, e compreendendo perfeitamente a justiça da reclamação que agitava os ferroviários, a U. O. N. acompanhou, desde o início, com simpatia, o seu movimento, ao qual deu o máximo do seu concurso, primeiro por intermédio de *A Batalha*, nosso órgão na imprensa, que esforçadamente defendeu a causa dos ferroviários — como aliás estes o reconheceram — e depois apelando para os organismos operários no intuito de que estes auxiliassem monetariamente os grevistas.

Pediú-nos o Sindicato Ferroviário, por intermédio do seu Comité Central, já quando a greve estava virtualmente perdida, e depois de várias individualidades políticas em vão a terem tentado solucionar, que promovessem um auxílio mais eficaz, isto é, que fossemos até à greve geral, mas a U. O. N., depois de haver ponderado a situação, e reconhecendo que possibilidade não havia de se produzir, naquela altura, um movimento que pudesse ser útil aquela classe, sobretudo quando já estava assente que os ferroviários do Sul e Sueste não se lançariam no pretendido movimento de solidariedade, oficiou ao supramencionado Comité, expondo-lhe a impossibilidade de tentar a greve geral, mas prontificando-se a influir junto dos organismos operários no intuito de que estes lhe dispensassem a maior solidariedade monetária, o que fez, após a recepção dum novo ofício do Comité, em que este se lastimava de não ter sido atendido o seu apelo no sentido da greve geral.

Não sabemos se doravante os ferroviários da C. P. continuarão na disposição de se manter isolados da organização geral da classe operária, a qual vem de dar-lhes o máximo do seu esforço. Isso dependerá porventura dos seus futuros orientadores, a quem as lições da experiência terão certamente demonstrado que não há corporação trabalhadora, por mais importante que seja, que possa bastar-se a si própria.

As relações da U. O. N. com os organismos operários nacionais e internacionais

Rapidamente, porque não queremos ocupar por muito mais tempo a atenção do Congresso, informámo-vos-hemos que as nossas relações com os organismos operários portugueses, desde os sindicatos às federações, foram sempre amigáveis, não se havendo registado, durante a nossa permanência à frente da U. O. N., conflitos com quaisquer deles. Se por vezes — e apenas com poucos organismos isso sucedeu — não estivemos de acordo, nunca nos deixamos confundir a conduzir a situações irritantes. Com a 2.ª Secção da União Operária Nacional, particularmente, mantivemos invariavelmente os laços da mais estreita solidariedade, tendo actuado sempre numa acção combinada.

As nossas relações com os organismos operários estrangeiros são cordiais, embora por virtude da guerra, que tam fundamentalmente veio perturbar o regular funcionamento da vida sindicalista internacional, não sejam tam íntimas como desejaríamos, exceptuadas as que mantemos com as Confederações Gerais do Trabalho de França e de Barcelona, organismos com os quais estamos em íntimo contacto, ambos nos tendo assegurado que se fariam representar no Congresso, o que, mau grado nosso, não sucede em consequência de, neste assembleia ter sido adiada duas vezes por motivo da recente greve desta magna o que não obstará a que um delegado da segunda, viesse a Coimbra, Ferroviário, não tendo podido aguardar aqui a realização do Congresso por motivo de negócios, que expôs ao secretário da Comissão Organizadora, que colheu impetuosos, mas também com as centrais de outros países ter-se iam sen os organismos, mais se o nosso delegado ao Congresso de Amsterdam não houvesse

sido impedido de assistir a esse Congresso pelo consulado da França, senão por conserto entre esse consulado e o governo português, caso que oportunamente expuzemos em *A Batalha*.

Um exame retrospectivo

Vamos terminar a nossa exposição, mas não o faremos sem analisar ainda alguns acontecimentos operários, cujos ensinamentos desejaríamos fossem fixados pelo Congresso, pôsto se nos afigura do mais alto interesse para a organização operária deste país um reflectido exame sobre eles, desse exame dependendo quão, no futuro, um melhor emprego da acção revolucionária do proletariado português, acção que convém, no nosso próprio interesse, dirigir com mais método e oportunidade, dela não abusando.

Através a nossa acidentada permanência na Comissão Administrativa da U. O. N., realizaram-se quatro greves gerais, três delas de solidariedade para com corporações em luta, e restritas a Lisboa e arredores, a quarta — terceira em ordem cronológica — extensiva a vários centros industriais do continente, esta determinada pelas péssimas condições de vida. A primeira, de 16 a 18 de Julho de 1917, traduziu um protesto contra as brutalidades da força armada, representando, simultaneamente uma manifestação de apoio aos camaradas da construção civil, movimento de iniciativa da U. O. N.; a segunda, lançada pelo mesmo organismo, de 15 a 18 de Setembro do mesmo ano, significou sobretudo um grande protesto contra as arbitrariedades com que o poder alvejou os camaradas telegrapho-postais; a terceira, de 18 a 25 de Novembro de 1918, foi o movimento pró-reclamações de carácter económico e social da Central dos Sindicatos, e finalmente a última, de 17 a 19 de Junho, um movimento de solidariedade para com os grevistas da Companhia União Fabril, este promovido pela União dos Sindicatos Operários de Lisboa, de acordo com a U. O. N. e as federações de indústria.

Do primeiro desses movimentos, que surgiu quasi espontâneo, saiu a U. O. N. airoso, porque os operários de Lisboa, profundamente imprevidentes com a selvageria da força armada, ocorreu em massa a afirmar e sua repulsa pelas violências cometidas. Do segundo — o movimento de solidariedade para com os camaradas telegrapho-postais, cuja unidade e espírito de resistência despertaram as mais vivas simpatias do proletariado e do público, simpatias que se avolumaram consideravelmente quando os governantes mandaram os grevistas para os navios de guerra e para os fortes — saiu a U. O. N. coberta de prestígio, pôsto que, se não conseguiu levar o governo a atender desde logo as reclamações que lhe foram presentes, houve, durante a peleja, com tal tacto que a opinião pública viu com o maior agrado a sua intervenção, do mesmo passo que, por vários modos, manifestou a sua antipatia para com o governo, que a essa data já estava divorciado do país por virtude da pratica de sucessivas violências. Do terceiro dos movimentos lançados pela U. O. N. — o de Novembro de 1918, que tinha por objectivo a baixa do custo da vida — saiu a Central dos Sindicatos mal ferida, porque tal movimento fez-se em ocasião inoportuna, uma vez que a sua eclosão se verificou no momento em que, tendo acabado de firmar-se o armistício entre os representantes dos Estados em guerra, toda-a-gente supunha que, por virtude desse acontecimento, a existência a passar a ser suportável, mercê da anunciada baixa de preço nos artigos.

O insucesso desse movimento foi previsto por raros componentes do seu Comité dirigente, cujos raciocínios não conseguiram calar no ânimo da maioria, a qual, não medindo talvez as consequências que dum desastre inevitavelmente adviriam para a U. O. N., para esse desastre caminhou ovante. O desastre deu-se, e, mercê dele, a Central dos Sindicatos Portugueses, que havia criado um grande nome, sofreu, no conceito do público, uma diminuição do seu prestígio, passando também a ser olhada, pelos sindicatos menos acostumados às rudes lutas operárias, com um menor respeito. Foi mister largarmos-nos como a um trabalho de reconstrução, que *A Batalha* valiosamente tem auxiliado, mercê do que a U. O. N. novamente tem a confiança dos organismos sindicais, como o atesta o presente congresso, e o respeito dos adversários.

A última greve geral levada a efeito em Lisboa, esta promovida pela U. S. O., movimento de apoio aos grevistas da Companhia União Fabril, não concorreu para prestigiar a organização operária. Embora as mais importantes corporações — excluídas as de transportes de mar e terra — tivessem cumprido o seu dever, a previsão, posta por delegados da U. O. N., antes da eclosão do movimento, de que a greve não teria a virtude de levar a indústria Alfredo da Silva a atender as reclamações dos grevistas, realizou-se, com pesar o verificámos. A diminuir sensivelmente o insucesso do movimento veio o gesto grandioso dos gráficos dos jornais diários para com o órgão da U. O. N. na imprensa, mercê do que o desfecho do acto de solidariedade duma parte do operariado de Lisboa teve a atenuação consideravelmente a bela demonstração de consciência dos camaradas que formam a Federação do Livro e do Jornal, aos quais se deve talvez hoje a existência de *A Batalha*.

Uma exortação aos militantes operários

Da singela observação destes factos, cuja repetição tumultuária pode ser assás nefasta para a organização sindicalista, devem tirar-se deduições e ensinamentos para o futuro, competendo aos militantes operários raciocinar maduramente antes de se pronunciarem sobre certos problemas postos ao seu exame.

E' o operariado português, como no-lo atestam tantas demonstrações por ele efectuadas, essencialmente atreito a deixar-se conduzir mais pelos impulsos do coração que pelo domínio da razão fria. Assim, quando assiste à pratica duma injustiça, é intuitivamente levado a manifestar-se inopinadamente contra ela, sem previamente fazer um detido exame à situação, sem reflectir se da forma como a sua intervenção se opera redundarão factíveis benefícios ou prejuizos, quer se trate da sua pessoa ou do organismo operário onde desenvolve a sua actividade. Deixa, em regra, actuar livremente o coração, permanecendo as outras faculdades em plano secundário.

Entre nós, operários, o sentimento, que é a expressão mais pura da alma humana, está permanentemente em conflito com a razão, que é a faculdade com que o homem conhece e julga, e assim, estas duas faculdades que, numa acção homogénea, poderiam produzir acontecimentos duma utilidade incontroversa, anulam-se, quasi sempre, por virtude da eclosão apenas duma delas. Exactamente porque conhecemos que é este o nosso lado vulnerável, os nossos adversários — os capitalistas e os governos — enquanto nós nos agitamos levados pelos impulsos do coração, eles, escrupulos à margem, atacam-nos com raciocínios deslialidade, tendo apenas em mira vencer-nos, sem se preocuparem com razões de ordem sentimental.

Se quisermos progredir, se quisermos triunfar, se quisermos finalmente possuir uma organização forte, potente, capaz de bater-se vantajosamente com a dos nossos adversários, que neste momento mais que nunca pretendem esmagar-nos, temos que dotar os nossos organismos de classe dum poder de resistência que assente não só na força do número, mas também na força da consciência dos trabalhadores.

Coimbra, 13 de Setembro de 1919.

A Comissão Administrativa da União Operária Nacional:

Henrique Vieira, Secretário adjunto.
Joaquim de Sousa, Tesoureiro.
Eduardo Jorge, Vogal.
Alexandre Vieira, Secretário geral.